

# O Eixão é do povo

CORREIO BRAZILIENSE

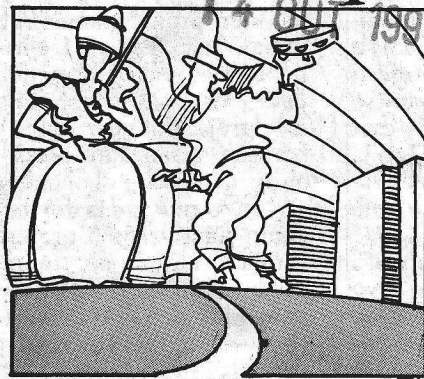
Moacyr de Oliveira Filho

“Espero que Brasília seja uma cidade de homens felizes; homens que sintam a vida em toda a plenitude, em toda a fragilidade; homens que compreendam o valor das coisas simples e puras — um gesto, uma palavra de afeto e solidariedade”. A frase, de Oscar Niemeyer, arquiteto de Brasília, dita nos dias que antecederam a inauguração da nova capital, reflete com precisão o clima de utopia e esperança que embalava os sonhos dos fundadores desta cidade. JK, Niemeyer, Lúcio Costa, Israel Pinheiro e tantos outros pioneiros sonhavam com uma cidade diferente, uma cidade mais humana, onde a amplidão do horizonte, o arrojado traçado urbanístico e o esplendor arquitetônico servissem de moldura para forjar uma vida fraterna entre seus habitantes. Esse foi o espírito que norteou a criação de Brasília, expresso na utopia de Niemeyer e Lúcio Costa de que o ministro e seu motorista morariam no mesmo prédio, fariam compras no mesmo comércio e seus filhos frequentariam a mesma escola.

A crise econômica, a especulação imobiliária, o autoritarismo da ditadura e os desmandos administrativos se encarregaram, em pouco tempo, de demolir esse sonho. A Capital da Esperança virou a capital dos privilégios. O povo pobre e trabalhador foi, aos poucos, sendo expulso do Plano Piloto para as cidades-satélites e Brasília virou Ilha da Fantasia.

Esta é realmente uma cidade diferente. Não só pela beleza de sua arquitetura, pelo arrojo de seu traçado urbanístico e pela amplidão de seu horizonte. É diferente, principalmente, pelos privilégios que criou e pela segregação que estimulou. É a cidade do “sabe com quem está falando?”, da impunidade dos filhos do poder que mataram Ana Lúcia, do jeitinho brasileiro para facilitar a vida dos poderosos ou dos que pensam que são poderosos.

Essa cultura das elites, que querem preservar a todo custo sua Ilha da Fantasia, se reflete em variados aspectos da vida da cidade. Coisas banais, simples e cotidianas, que acontecem com naturalidade em qualquer cidade deste País, em Brasília viram caso de polícia, viram razões de Esta-



do. E, assim, Brasília vai aos poucos, sem perceber, perdendo a sua alma de cidade.

Um exemplo concreto disso é o carnaval. Maior festa popular do País, em qualquer cidade, o carnaval é um momento de alegria, de confraternização, de conagração entre pobres e ricos. É um momento em que, no Rio de Janeiro, por exemplo, o morro desce pro asfalto para ser o dono da festa. Em que, em Recife, Olinda e Salvador, o povo ocupa soberanamente as ruas para fazer a sua festa, ombro a ombro, braço a braço, coxa a coxa, com o rico, o turista, o milionário. E ninguém reclama.

Aqui em Brasília, é diferente. Alguns representantes dessa falsa elite pretendem impedir que o carnaval continue sendo uma autêntica e espontânea festa popular. Pretendem preservar a segurança e a tranquilidade da sua Ilha da Fantasia, escondendo o carnaval num gueto, isolado e distante, fora do eixo urbano central da cidade, como ocorre em qualquer outro lugar do País.

Desde o ano passado, que um reduzido grupo de moradores das SQS 102, 103, 202 e 203 tenta dar um golpe contra o povo e sua festa maior, retirando do Eixo Rodoviário Sul os desfiles das Escolas de Samba de Brasília. Agora, o assunto volta, outra vez, às páginas dos jornais, com grande destaque.

O advogado Antônio Amorim de Souza, prefeito da 102 Sul, assume a bandeira dessa falsa moralidade e abre suas baterias contra o carnaval no Eixo. Suas declarações, publicadas neste jornal, domingo (6/10), são estarrecedoras. Por toda a carga de preconceito, discriminação e conservadorismo que carregam. Se o sr. Antônio Amorim de Souza vivesse na Ale-

manha dos anos 30, certamente seria um dos expoentes do nazismo e um graduado assessor de Adolf Hitler. Ao defender que o carnaval deveria ser realizado em Taguatinga, Ceilândia ou Samambaia porque “se esse povo gosta de urinar em prédios, estuprar menores, que o faça em suas cidades, e não aqui, onde moram famílias decentes e contrárias a este tipo de conduta” (sic), o sr. Antônio Amorim de Souza comete um raciocínio semelhante ao que gerou as teorias da superioridade da raça ariana e os campos de concentração nazistas. Mais que isso, comete uma injustiça e uma criminoso discriminação contra todo o povo dessas cidades, chamando-os, indistintamente, de criminosos e estupradores.

Felizmente, a opinião do sr. Antônio Amorim de Souza, além de equivocada, parece ser minoritária. A prefeita da 203 Sul, Terezinha Dourado, por exemplo, defende a manutenção dos desfiles no Eixão. O carnaval não pode sair do Eixo, porque ali é o seu lugar natural. Se pode ser feito o Eixão do Lazer, aos domingos, também pode ser feito o carnaval. Que, ao contrário do que diz o sr. Souza, é assistido por gente de todo o Distrito Federal, de todas as classes e origens. Que o diga o deputado federal Chico Vigilante, assíduo frequentador das arquibancadas do Eixo nos dias de desfile. Que o digam as dezenas de embaixadores e diplomatas estrangeiros que sempre comparecem à Tribuna Especial, armada pelo Detur, para ver as Escolas de Samba de Brasília. Tanto o deputado, como os diplomatas, ao que consta, não são arruaceiros, nem estupradores. Como também não o é a maioria do povo que lota as arquibancadas nos quatro dias de carnaval no Eixão.

Esperamos que as autoridades do GDF e o próprio governador Roriz não levem a sério esse delírio do sr. Antônio Amorim de Souza. Afinal, parafraseando Castro Alves: “O Eixo é do povo, como o céu é do condor”. Se o sr. Antônio Amorim de Souza se sente ameaçado por uma festa popular, o aeroporto não fica muito distante da 102 Sul.

■ Moacyr de Oliveira Filho é jornalista e presidente do Conselho Deliberativo da Liga Independente das Escolas de Samba